JOICE SANTOS

# Banzo de casa

*O retorno dos alforriados à África era caro e burocrático. Mas para os africanos valia a pena*

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

"Venha, meu filho, vamos voltar ao meu país! Como a gente é feliz lá! Como a África é bonita". Foi com estas palavras que o natural do Brasil, Francisco, foi convencido pelo pai africano a sair da Bahia no início do século XIX e ir para Aguê, na atual Nigéria. O relato de um Francisco já idoso e cego está no diário manuscrito do missionário católico Baudan, em fins do mesmo século, que registrou as primeiras impressões do ex-escravo sobre a terra dos seus antepassados – que não foram nada boas.

Pai e filho haviam conseguido a liberdade após a morte do seu senhor. Mesmo livre, o pai não estava satisfeito: tinha muitas saudades da terra natal. Mas o filho não se empolgava com a ideia desse retorno. Apenas após muita insistência resolveu seguir a vontade do pai. O problema, então, se tornou outro: o alto custo da viagem. Um liberto da Bahia poderia levar até dois anos para pagar a sua passagem e as de seus familiares. Esses valores poderiam ser arrecadados por meio de atividades do ganho ou da participação em irmandades. Além disso, havia uma série de trâmites burocráticos, como a retirada de passaportes, pagamento de taxas e a contratação do navio.

Após reunir o necessário para a viagem, pai e filho embarcaram num pequeno navio que os levou para Aguê. Ao chegar lá, o jovem Francisco ficou muito espantado: "um monte de negros que saíam (...) quase nus, que gritavam e pulavam". Além de não compreender a língua, considerava que aqueles homens e mulheres viviam uma situação miserável. Acreditando que aquela não era a terra de que tanto ouvira falar, resolveu imediatamente fugir. Chegando à praia, porém, o navio que os trouxera já havia zarpado. Sua tristeza era enorme. Não reconhecia a felicidade sobre a qual o pai tanto comentava e dizia ter encontrado. Para ele, o pai estava perdendo a alma: não sabia que a felicidade estava na fé cristã?

O relato aponta para dois pontos de vista desse retorno: o do pai, saudoso da terra de sua infância, e o do filho, nascido no Brasil, distante da forma como os africanos viviam e da religião que professavam. O retorno de libertos, em especial os africanos, para a África tinha motivações variadas, desde as saudades que o pai de Francisco expressava, passando por iniciativas coletivas, até deportações – ocorridas principalmente a partir da revolta dos Malês, que se deu em Salvador, em 1835. E eles não voltavam, necessariamente, para as suas aldeias, mas geralmente para os portos em que foram originalmente embarcados. Mas todo esforço valia a pena para quem queria voltar para casa, ou simplesmente começar uma vida nova. **H**

**JOICE SANTOS** É PESQUISADORA DA *REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL.*

**Saiba Mais**

AMOS, Alcione Meira. *Os que voltaram. A história dos retornados afro-brasileiros na África Ocidental no século XIX.* Belo Horizonte: Tradição Planalto Editora, 2007.

GURAN, Milton. *Agudás. Os "brasileiros" do Benim.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

LIMA, Mônica. "Entre margens: o retorno à África de libertos no Brasil, 1830-1870". Tese de doutorado, Rio de Janeiro, UFF, 2008.

No alto da página, gravura de Jonathan Needham, da segunda metade do século XIX: *Entrada da enseada das Laranjeiras, oeste das Mangueiras, Rio de Janeiro.*